

FUNDAMENTOS BÍBLICO-TEOLÓGICOS DAS CAMPANHAS DE EVANGELIZAÇÃO E MOBILIZAÇÃO DA SOLIDARIEDADE

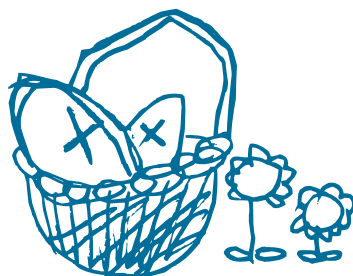
A questão do sustento do culto, das atividades religiosas e da responsabilidade social, assim como da responsabilidade comunitária na satisfação destas necessidades sempre estiveram presentes na história do povo de Israel e da Igreja.

Nas Sagradas Escrituras, no Antigo Testamento, encontramos diversos textos que recordam a necessidade de arrecadação de fundos e de solidariedade responsável:



OFERTAS

Geralmente doações com alguma finalidade específica, como a construção do santuário (cf. Ex 38, 24), como sacrifício (cf. Lv 1, 1-3), como primícias (cf. Lv 2, 1), como oblação (cf. Lv 2, 5), como expiação de algum pecado cometido (cf. Lv 4, 27-28), cumprimento de um voto (cf. Lv 6, 16), sacrifício de comunhão (cf. Lv 7, 28-32), ação de graças (cf. Lv 22, 29), como oferenda voluntária (Lv 23,28) e que poderão servir de alimento aos sacerdotes (cf. Lv 24, 9).



DÍZIMO

Uma espécie de imposto sagrado sobre tudo o que era produzido e que pertence ao Senhor como coisa sagrada (cf. Lv 27, 30; Dt 14,22); garantia o salário dos Levitas (cf. Nm 18, 20-21; Nm 35, 1-8) e a satisfação das suas necessidades (cf. Dt 14, 28-29. 26,12); sendo sagrado, não podia servir para nada que fosse profano (cf. Dt 26, 14; Nm 18, 25; Ag 2,13; Os 8,13).

As ofertas, na sua maioria, representam uma contribuição voluntária e sem uma frequência determinada, enquanto o dízimo representa uma obrigação e tinha uma periodicidade bem definida. Sendo assim, o sustento do culto, da instituição e das suas obras em geral é garantido pelo dízimo, enquanto que necessidades específicas podem ser supridas através de ofertas vindas também de contribuições para coletas em vista de finalidades bem determinadas.

No Novo Testamento, a prática de Jesus nos revela a importância da vida alicerçada na prática da solidariedade e do amor. A partilha dos bens era muito comum entre os primeiros cristãos.

Diante dos exageros e legalismos dos líderes religiosos de seu tempo, que muitas vezes se caracterizava como forma opressora visando interesses institucionais e pessoais de alguns, Jesus reage contra toda forma de legalismo, como meio de superação dos problemas. Podemos citar alguns exemplos:

- ➔ **A oração do fariseu e do publicano (Lc 18, 9-14)** - Quem cumpre a Lei se exalta e não é justificado, nem mesmo porque paga o dízimo.
- ➔ **A oferta da viúva (Lc 21, 1-4)** - O percentual não conta, mas sim a generosidade, principalmente a doação de tudo o que se tem.
- ➔ **O imposto do templo (Mt 17, 24-27)** - O imposto não implica em favor pessoal, mas de uma causa comum para todos.
- ➔ **A conversão de Zaqueu (Lc 19, 1-10)** - Necessidade da reparação de injustiças e de satisfazer as necessidades dos pobres.
- ➔ **Dai a César o que é de César (Lc 20, 20-26)** - As exigências da justiça diante da sociedade e do próprio Deus.
- ➔ **Se te pedires a túnica (Mt 5, 40)** - Ir além da justiça humana que exige que seja dado a cada um aquilo que lhe pertence.

- ➡ **A multiplicação dos pães (Jo 6, 1-15)** - A preocupação para que todos estejam saciados.
- ➡ **O bom samaritano (Lc 10, 25-37)** - A atenção ao sofrimento humano e a necessidade de respostas concretas e imediatas.
- ➡ **O Juízo Final (Mt 25, 31-46)** - Atender o próprio Jesus nos sofredores.
- ➡ **Não podeis servir a Deus e ao dinheiro (Mt 6, 19-24)** - A necessidade da construção de uma justa hierarquia de valores entre bens perenes e materiais.
- ➡ **Usar o dinheiro iníquo para vos receberem nas moradas eternas (Lc 16, 9)** - A necessidade de usar o dinheiro para a prática da caridade.

Poderíamos citar ainda muitos exemplos dos escritos nos Evangelhos, mas estes parecem suficientes para nos mostrar a postura de Jesus, ao destacar a necessidade de não fazermos dos bens materiais a finalidade da nossa vida, mas um meio para a construção do Reino de Deus, seja em relação à vida religiosa, simbolizada pelo templo, seja em relação à justiça e à caridade solidária.

Jesus e os apóstolos levavam vida muito simples, mas, no anúncio do Evangelho, havia necessidades bem concretas: transporte, alimentação, hospedagem, locais de reunião... Jesus tinha amigos generosos e aceitou a ajuda de muita gente, que oferecia seu barco para atravessar o lago, casa para acolhê-los, hospedagem e alimentação. Lemos no Evangelho de São Lucas que algumas pessoas do grupo de Jesus e dos discípulos "os ajudavam com seus bens" (Lc 8,3). Jesus e os apóstolos tinham sua "caixa comum" e Judas era quem devia administrá-la (cf. Jo 13, 28-29); São João observa que ele era ladrão e roubava o que nela se depositava (cf. Jo 12, 4-6). Jesus envia os 72 discípulos em missão dizendo que "o trabalhador é digno do seu salário" (Lc 10,7).

A primeira comunidade cristã, em Jerusalém, viveu uma experiência extraordinária de partilha de bens, que até hoje faz sonhar com aquilo que seria possível, se a comunidade humana tivesse a coragem de viver a solidariedade e a fraternidade : “Ninguém considerava suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum. (...). Entre eles ninguém passava necessidades” (cf. At 4, 32.34). Mais adiante, os Atos dos Apóstolos registram mais uma vez: “aqueles que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro e o depositavam aos pés dos apóstolos. Depois era distribuído conforme a necessidade de cada um” (At 4,34). Foram momentos de grande entusiasmo e generosidade e isso atraía a atenção das outras pessoas (cf. At 3,42-47; 4,32-37).

Não sabemos por quanto tempo durou esse ideal de vida comunitária e de partilha de bens. O fato é que o egoísmo e vários tipos de discriminação social não tardaram a se manifestar. Os “estrangeiros” queixaram-se que “suas viúvas eram deixadas de lado no atendimento diário” (At 6,1). Então os apóstolos instituíram os diáconos para cuidarem da atenção aos pobres e excluídos da comunidade (cf. At 6,1-6).

Quando a comunidade de Jerusalém, por várias circunstâncias, começou a sofrer necessidades, S. Paulo organizou uma grande campanha de doações nas comunidades fundadas por ele (cf. Rm 15,26), as quais bem poderiam ser chamadas “as primeiras campanhas da fraternidade”, ou primeiras “campanhas para a evangelização”. Ele mesmo deu instruções sobre a maneira de organizar a campanha e a quem confiar o fruto da coleta para que chegasse aos seus devidos destinatários (cf. 1Cor 8 e 9).

Interessante é observar que Paulo manda fazer a coleta no domingo: “Todo primeiro dia da semana cada um separe livremente o que tenha conseguido economizar” (1Cor 16,1-2). A recomendação revela que a coleta não era feita de maneira improvisada, nem significava pôr a mão no bolso de maneira irrefletida para “oferecer qualquer coisa”; devia ser um gesto bem consciente, realizado com aquilo que se punha “à parte” e se destinava para esse fim. Por outro lado, o fato de fazer a coleta “no primeiro dia da semana” aproximava-a da celebração da Eucaristia; o

encontro da comunidade com o Senhor ressuscitado era também a ocasião da partilha fraterna.

Paulo não deixa de recomendar generosidade nas doações, fazendo alusão a passagens da Escritura: "É bom lembrar: Quem semeia pouco, também colherá pouco; e quem semeia com largueza, colherá com largueza (cf. Pr 11,24). Que cada um dê conforme tiver decidido em seu coração, sem pesar nem constrangimento, pois Deus ama a quem dá com alegria (cf. 2Cor 9,7). Deus é poderoso para cumular-vos de toda sorte de graças, para que em tudo tenhais sempre o necessário e ainda tenhais de sobra para empregar em alguma boa obra" (2Cor 9,7).

A partilha fraterna também deve ser sinal de gratidão a Deus e a quem realiza o serviço da evangelização: "Irmãos, pedimos que tenham consideração para com aqueles que se afadigam em dirigi-los no Senhor e admoestá-los" (1Ts 5,12). Quem anuncia o Evangelho comunica e partilha uma riqueza inestimável; por isso, o missionário torna-se também merecedor das atenções e da colaboração da parte de quem recebeu o Evangelho. "Aquele que recebe o ensinamento da Palavra torne quem ensina participante de todos os bens. Não vos iludais, de Deus não se zomba; o que alguém tiver semeado, é isso que vai colher. (...). Portanto, enquanto temos tempo, façamos o bem a todos, principalmente aos da família na fé" (Gl 6,6-10).

São Paulo não faz referência apenas à partilha generosa dos bens materiais, mas também recomenda a oração e todo o apoio ao evangelizador: "Irmãos, certamente vos lembrais dos nossos trabalhos e fadigas. Foi trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós, que proclamamos entre vós o Evangelho de Deus" (1Ts 2,9). A oração é uma maneira de associar-se ao trabalho do evangelizador: "Rezem por nós, irmãos, a fim de que a Palavra de Deus se espalhe rapidamente e seja bem recebida, como acontece entre vós" (2Ts 3,1).

O Novo Testamento é rico em passagens que mostram a preocupação de Jesus e dos Apóstolos com os pobres. De modo especial, Paulo recebe dos outros apóstolos a recomendação de se lembrar dos pobres, "o que tenho feito sempre com toda solicitude" (cf. Gl 2,10).

Estes poucos textos do Novo Testamento, portanto, mostram que a obra da evangelização e o trabalho da Igreja, desde o início, contaram com o apoio espiritual e material de todos os batizados. Motivados pela preciosidade da fé recebida e pela gratidão a Deus, todos os membros da Igreja são chamados a colaborar, de várias formas, para que o dom do Evangelho também chegue a outras pessoas.

Assim, temos os fundamentos necessários para que possamos entender a importância e o significado das campanhas e coletas realizadas pela Igreja, pois todas acontecem a partir da proposta de Jesus e com a finalidade de fazer acontecer na vida das pessoas os valores do Reino de Deus que Jesus pregou, seja em relação ao culto, à ação evangelizadora e à satisfação de todas as necessidades das pessoas pela caridade solidária.

